

SAPOS DE EIRUNEPÉ:

Rios Eiru-Juruá-Gregório

Albertina P. Lima
Anthony Ferreira
Silianomã Dantas
Miqueias Ferrão
Jussara Dayrell



Coordenação Editorial e Organizadoras: Albertina P. Lima e Jussara S. Dayrell
Projeto Editorial: Albertina P. Lima
Diagramação: Yurie Yaginuma

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sapos de eirunepé : rios eiru-juruá-gregório / Albertina P. Lima... [et al.]. – 1. ed. – Manaus, AM : Ed. dos Autores, 2024.

Outros autores: Anthony Ferreira, Silianomã Dantas, Miqueias Ferrão, Jussara Dayrell.

Bibliografia.
ISBN 978-65-00-95070-0

1. Anfíbios 2. Anfíbios - Brasil - Guias 3. Anfíbios - Classificação I. Lima, Albertina P. II. Ferreira, Anthony. III. Dantas, Silianomã. IV. Ferrão, Miqueias. V. Dayrell, Jussara.

24-194981

CDD-597.8

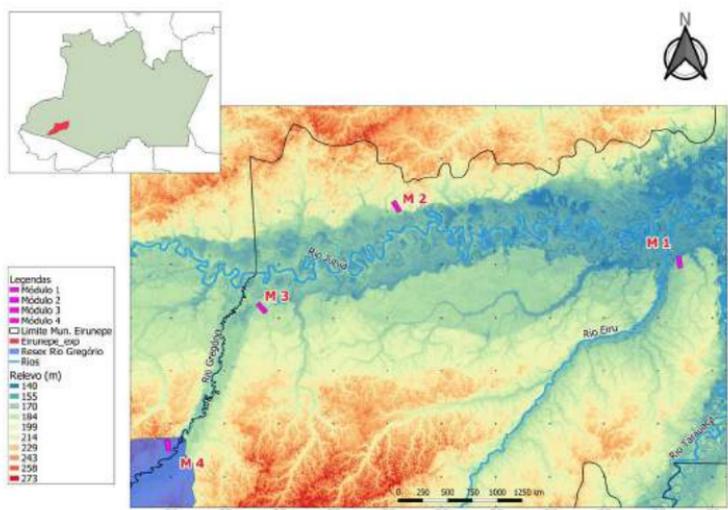
Índices para catálogo sistemático:

1. Anfíbios : Zoologia 597.8

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Além das Fronteiras: Expedição na busca por novas espécies de sapos nos Rios Juruá, Eiru e Gregório

Nesta expedição, exploramos as regiões remotas do interior da Amazônia em busca de novas espécies de sapos. Nos 40 dias de percurso focamos nossas buscas no município de Eirunepé em trechos dos rios Juruá, Eiru e Gregório. O nome *Eirunepé* vem da língua tupi, significando “caminho do mel preto”, através da junção de *eíra* (mel), *un* (preto, escuro) e *(a) pé* (caminho, estrada). O município possui uma extensão de 14.966 km² e está situado no sudeste do Amazonas.



Município de Eirunepé, Amazonas e os módulos de amostragem. M1 = Comunidade de Santo Antônio; M2 = Comunidade de Nova Esperança; M3 = Comunidade de Extrema; M4 = Comunidade da Prainha - RESEX do Rio Gregório.

Os primeiros habitantes de que se tem registro eram indígenas do povo Kulina, que viviam e ainda vivem nas margens dos rios Juruá e Purus. Embora com cerca de 200 anos de contato com os brancos, iniciado com pioneiros na busca de drogas e eventuais caçadores e, posteriormente, com os homens nordestinos trazidos por Felipe Manoel da Cunha visando a exploração da borracha (séc. XIX), os Kulina se destacam pelo

vigor com que mantêm suas instituições culturais, entre elas a música e o xamanismo.

O que nos impressionou foi que Eirunepé abriga uma natureza preservada e ainda pouco explorada, com comunidades ribeirinhas e indígenas únicas e rica em conhecimentos tradicionais. A diversidade de sapos dessa região ainda é pouco conhecida, principalmente devido à distância de Manaus onde estão localizados os centros de pesquisa do Estado do Amazonas.



Comunidade de Nova Esperança às margens do rio Juruá.

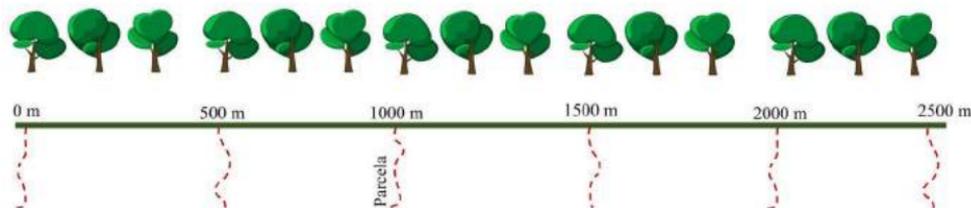
Participaram da aventura os pesquisadores Albertina Lima, Jussara Dayrell, Anthony Ferreira e Silionamã Dantas, e os tripulantes da bajara (tipo de balsa amazônica), os irmãos Dal e Tão.



Os tripulantes da bajara (tipo de balsa amazônica), os irmãos Tão e Dal.

Iniciamos nossa jornada em Eirunepé, onde organizamos tudo que precisávamos para a expedição. Em nossa viagem de ida e volta, percorremos aproximadamente 700 km ao longo dos rios Eiru, Juruá e Gregório. Amostramos quatro áreas de floresta próximas à quatro comunidades ribeirinhas. Em cada área nós instalamos uma trilha de 2,5 km, aqui chamada de módulo de amostragem, com seis parcelas de 250 m de comprimento seguindo a curva de nível, nas distâncias de 0, 500, 1000, 1500, 2000 e 2500 metros da trilha. A metodologia foi amostrar as seis parcelas de 250 m durante três dias seguidos. Formamos três equipes, onde cada uma passava pelo menos uma vez em cada parcela e ao longo dos 2500m. Cada parcela foi amostrada seis vezes no total (três no fim do dia entre 16:00 e 18:00 e três a noite entre 19:00 e 22:00).

Trilha de 2,5 km e parcelas de 250 m



Nossa rotina em cada comunidade ribeirinha era, ao chegar conversar com o presidente da comunidade para explicar sobre o nosso trabalho de pesquisa, pedir autorização e decidir quem ia nos acompanhar nos trabalhos como auxiliares de campo. Para que eles compreendessem melhor o trabalho e como oportunidade de conhecermos melhor a comunidade, nós ministrávamos uma palestra sobre “Sapos, curiosidades e prováveis espécies locais”. Como parte do nosso compromisso com a educação ambiental, distribuímos em escolas locais os guias didáticos sobre sapos já produzidos pela equipe do Laboratório de Vertebrados Terrestres, sob a coordenação da Dra. Albertina Lima. Esses guias estão disponíveis para todos no link <https://ppbio.inpa.gov.br/guias>.



Palestra nas escolas das comunidades ribeirinhas e entrega dos guias didáticos sobre sapos para os responsáveis pelas escolas.

Nos próximos dois dias acordávamos ó da manhã para iniciar a abertura da trilha e das parcelas. Como é uma região de várzea, normalmente precisávamos andar de barco no igapó ou a pé na lama até chegar na área de terra firme. A primeira comunidade ribeirinha onde paramos para realizar a amostragem de sapos foi a Santo Antônio, na margem do Rio Eiru. Contamos com a colaboração dos comunitários, Sr. Coi, Graciomar, Bio, Dal e Tão que nos ajudaram na abertura da trilha e no trabalho de busca de sapos.



Deslocamento pelo igapó



Equipe de abertura de trilhas na comunidade Santo Antônio.

A rotina nos dias de amostragens na floresta iniciava às 7h da manhã na nossa casa/barco para tirar fotos, fixar os animais coletados e organizar as fichas de campo.



Etapa de trabalho dentro da casa/balsa: Fixação e fotografias dos espécimes coletados.

Sáíamos para as amostragens às 15h e retornávamos normalmente meia noite. Essa rotina era repetida durante três dias pelas equipes formadas por um de nós e mais um ou dois comunitários. Nós coletamos pelo menos um sapo de cada espécie, por não ter nenhum registro na região. Normalmente, o último dia de trabalho era mais tranquilo, pois não tinha tantos sapos para fixar, uma vez que mais de 85 % das espécies eram coletadas nos dois primeiros dias.



Etapa da amostragem de sapos nas parcelas.

Após seis dias de trabalho, subimos três dias pelo rio Juruá e rio Gregório para a localidade do Seringal Recreio (hoje conhecida como comunidade da Prainha) que fica na Reserva Extrativista (RESEX) do Rio Gregório. Ao contrário das outras áreas, essa possui o terreno cheio de ladeiras íngremes e morros. O desafio foi instalar a trilha e as parcelas ao longo desses morros. Aqui contamos com a ajuda do Sr. Claudionor, Tatu, Lázaro, Antônio, Tonhão e Maco.



Nossa próxima parada, após um dia de viagem de barco, foi na comunidade de Extrema, ainda no rio Gregório e próximo ao rio Juruá. Aqui, o desafio foi suportar os carapanãs e piuns que eram muitos e enormes. Seu Cuia, Rafael, Louro, Wagner, Daniel e Bené nos ajudaram nas atividades de campo.

Tem ladeiras na Amazônia!



Os carapanãs eram enormes!

Continuamos a descer o Rio Juruá (mais um dia de viagem) e nosso último ponto de amostragem foi a comunidade ribeirinha de Nova Esperança. O senhor Paulo (presidente da Comunidade) nos ajudou a encontrar ajudantes, pois as famílias estavam fazendo farinha e a comunidade estava deserta. Contamos com ajuda de Mateus, Francisco, Antônio, José, Claiton e Ricardo.

Encontramos espécies sensacionais e já notamos diferenças entre as espécies encontradas na terra firme em áreas mais altas e aquelas de áreas mais baixas. Registramos 82 espécies e destas 37% são espécies possivelmente ainda desconhecidas para a ciência. Também encontramos espécies raras e novos registros para o Brasil. Cada novo registro era um sorriso no rosto suado e picado de carapanã, pium, tatuquira ou mutuca (pode escolher o inseto!).



Alegria ao registrar algumas espécies.

As pessoas ribeirinhas foram muito acolhedoras. Enquanto trabalhávamos, nossa casa/barco tornou-se um ponto de encontro animado, repleto de crianças curiosas observando atentamente. Elas subiam a bordo e se acomodavam nas extremidades do barco, ansiosas por entenderem mais sobre o nosso trabalho. Aproveitávamos a oportunidade para conversar com elas e saberem mais de suas vidas.



Contato nas comunidades ribeirinhas.

Os adultos também se aproximavam, trazendo presentes. Ganhamos frutas frescas, goma e uma abundância de açaí, provando o espírito generoso das pessoas nas comunidades, às quais expressamos a nossa gratidão. Percebemos a necessidade e importância das políticas públicas, principalmente relacionadas com a saúde e educação contextualizada, cheguem de forma mais incisiva à estas comunidades.

Andar de barco pelo igapó vale todo esforço, é um dos ambientes que mais nos encantou na região. Os finais do dia e o pôr do sol associado às águas tranquilas dos rios são magníficos. Assim como tomar banho na beira do rio a noite, vendo os botos brincando na água.



1. Comunidade ribeirinha na margem do rio Juruá; 2. Secando manta de pirarucu; 3. Limpando peixe na beira do rio com a ajuda do gatinho; 4. Cozinha improvisada na nossa casa/barco.

Acordar nas curvas sinuosas dos rios Gregório e Juruá, que mais parecem uma cobra grande em movimento, foi uma experiência única e inesquecível!



Pôr do Sol no rio Juruá.

Sapo, rã e perereca

“Anfíbios” vem do grego e significa “animais de vida dupla”, isso porque a grande maioria possui duas vidas: uma na água e outra na terra. Neste guia vamos falar dos sapos (ordem Anura). O nome anuro significa “sem cauda”, pois os adultos não possuem cauda. O termo popular pra Anura é sapo, e existe três nomes populares comumente usados: os **Sapos**, as **Rãs** e as **Pererecas**.

Sapo é um anuro que possui pele seca e de aspecto verrugoso com pernas menores que o tamanho do seu corpo. Vive no chão da floresta e se locomove através de pequenos saltos. Podem ser minúsculos como as espécies do gênero *Amazophrynella* ou enormes como a *Rhinella marina*.



Sapo-cururu



Sapinho-folha



Perereca-rapa-cuia



Perereca-macaco

Já as pererecas possuem a pele lisa e úmida e discos em volta dos dedos. Vivem nas árvores e arbustos.

Enquanto as rãs ou jias possuem a pele lisa, dedos finos e patas traseiras longas, que permitem que saltem longas distâncias. São encontradas no chão da floresta ou na água e podem ser pequeninas ou gigantes.



Rã-pimenta

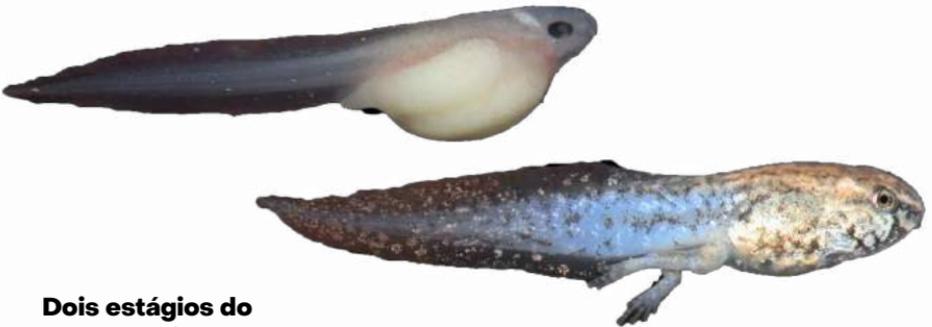


Rãzinha-da-folha

Curiosamente existem espécies que possuem uma mistura de características. Por exemplo, os pequenos sapos conhecidos pelos cientistas como rãzinhas cuidadoras (pois cuidam dos filhos) vivem e se locomovem por saltos no chão da floresta como os sapos, têm a pele lisa e úmida como as rãs e discos nas pontas dos dedos como as pererecas.



Durante a fase aquática, são conhecidos como girinos e a maioria vive na água ou em ninhos de espuma, e respiram por brânquias.



Dois estágios do desenvolvimento de girinos.

Existem girinos que se desenvolvem no meio líquido dentro dos próprios ovos, e já nascem filhotes com características de adulto.



Girino com desenvolvimento dentro do ovo.



Metamórficos de espécie do gênero *Pristimantis* dentro do ovo.

A metamorfose inicia quando os girinos que vivem na água começam a se transformar, as patas começam a surgir e se transformam em jovens sapos, chamados de imagos que dividem o tempo entre viver dentro da água e fora dela.



Como usar as pranchas

As pranchas foram construídas com a intenção de facilitar as identificações e as comparações entre as espécies morfologicamente semelhantes de um mesmo gênero ou família. O primeiro passo para diferenciar as espécies é observar diferenças nas linhas das costas, na cor lateral do corpo, no formato dos dedos, em manchas na virilha, nos formatos do nariz e de cristas na cabeça, entre outros.

Os **símbolos** indicam as características biológicas das espécies nas pranchas, tais como:

1 - “O local onde moram”: se na **floresta**, no **igapó** ou **próximo às moradias** ou áreas com perturbação humana.

2 – “O horário em que cantam” indica o período de atividade: se durante o **dia**, a **noite** ou no **crepúsculo**.

3 – “Onde me encontrar” indica o local mais provável de encontrar a espécie: se no **chão** ou nas **árvores**.

4 – “Meu tamanho” indica um tamanho aproximado da espécie: se são **pequenos** (< 3cm), **nem grande e nem pequeno** (medem de 3 a 8 cm) ou **grandes** (> 8 cm).

5 – “Quantos somos” indica um número aproximado de indivíduos que vemos nas amostragens na floresta: se são **muitos** (fácil de encontrar em grandes aglomerações), **nem pouco, nem muito** (espécies distribuídas em toda a área e são encontradas com certa facilidade), **poucos** (difícil de encontrar, por viverem em locais de difícil acesso ou enterrados).

Entenda meus desenhos

Onde moro



Floresta



Igapó



Próximo
às casas

Horário que canto



Dia



Entardecer



Noite

Onde me encontrar



Árvore



Chão

Meu tamanho



0 - 3 cm



3 - 8 cm



8 - 20 cm

Quantos somos



Pouco



Nem pouco,
nem muito



Muito

Amazophrynella aff. *javierbustamantei*



Amazophrynella *moisesii*



Família: **Bufo**nidae

Rhinella marina



Rhaebo guttatus



Família: **Bufonidae**

Rhinella gr. margaritifera



Rhinella gr. acutirostris



Rhinella gr. proboscidea



Família: **Centrolenidae**

Teratohyla midas



Família: **Ceratophryidae**

Ceratophrys cornuta



Família: **Craugastoridae**

Oreobates quixensis



Superfamília: **Dendrobatoidae** / Família: **Aromobatidae**

Allobates sp. papo-branco



Allobates sp. papo-amarelo



Allobates cf. *velocicantus*



Allobates *subfolionidificans*



Allobates gasconi



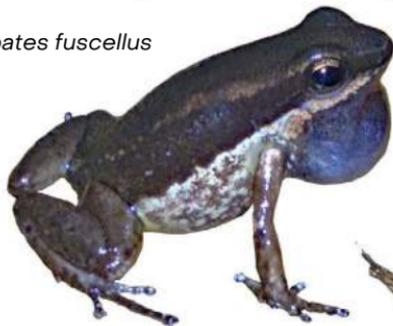
fêmea



macho



Allobates fuscus



fêmea



macho



Allobates femoralis



Superfamília: **Dendrobatoidae** / Família: **Dendrobatidae**

Ameerega hahneli



Ameerega macero



Ameerega trivittata



Ranitomeya cyanovittata



Ranitomeya aff. *sirensis*



Ranitomeya toraro



Família: **Eleutherodactylidae**

Phyzelaphryne cf. *miriamae*



Família: **Hemiphractide**

Hemiphractus *scutatus*



Família: **Hylidae**

Boana boans



Boana raniceps



Boana lanciformis



Família: **Hylidae**

Boana geographica



Boana calcarata



Boana fasciata



Boana punctata



Boana cinerascens



Dendropsophus cf. brevifrons



Dendropsophus kamagarini



Dendropsophus sarayacuensis



Família: **Hylidae**

Dendropsophus bokermanni



Dendropsophus rhodopeplus



Dendropsophus xapuriensis



Família: **Hylidae**

Scarthyla goinorum



Osteocephalus aff. lepreurii



Osteocephalus castaneicola



Osteocephalus taurinus



Família: **Hylidae**

Scinax garbei



Scinax aff. ruber



Scinax gr. cruentomma



Scinax aff. onca



Família: **Hylidae**

Trachycephalus cunauaru



Trachycephalus typhonius



Família: **Leptodactylidae**

Adenomera andrea



Adenomera hylaedactyla



Adenomera aff. simonstuarti



Família: **Leptodactylidae**

Edalorhina perezii



Engystomops freibergeri



Lithodytes lineatus



Família: **Leptodactylidae**

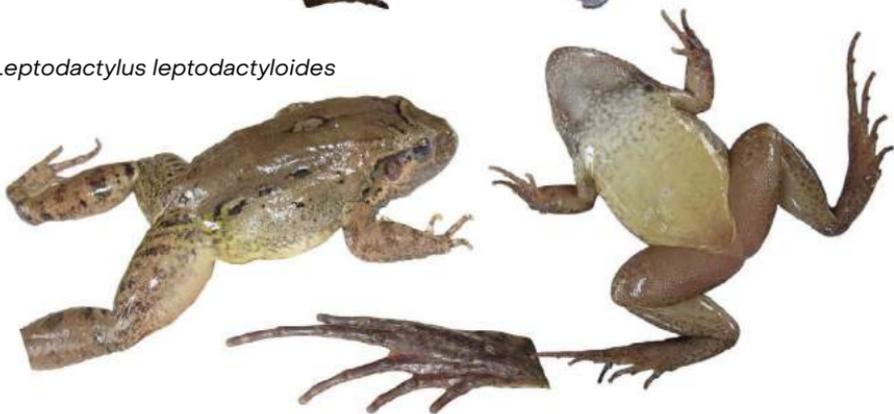
Leptodactylus discodactylus



Leptodactylus diedrus

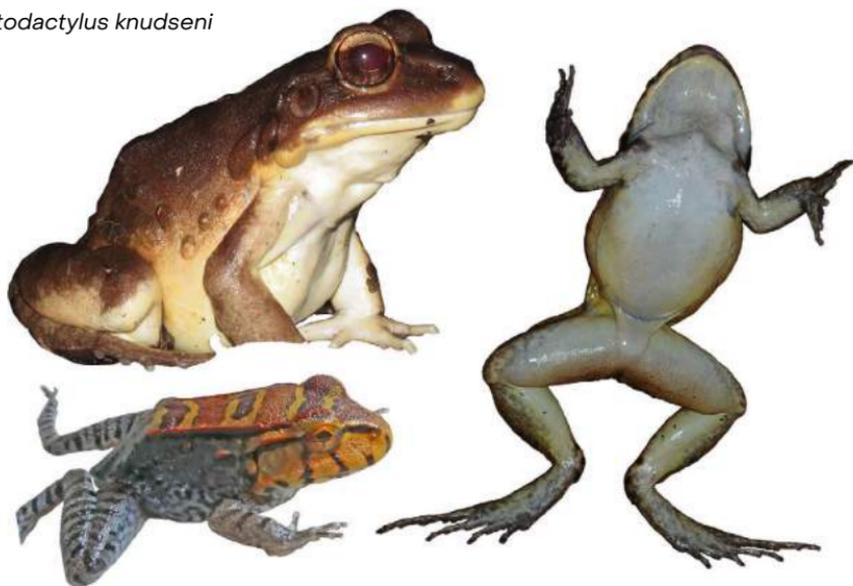


Leptodactylus leptodactyloides



Família: **Leptodactylidae**

Leptodactylus knudseni

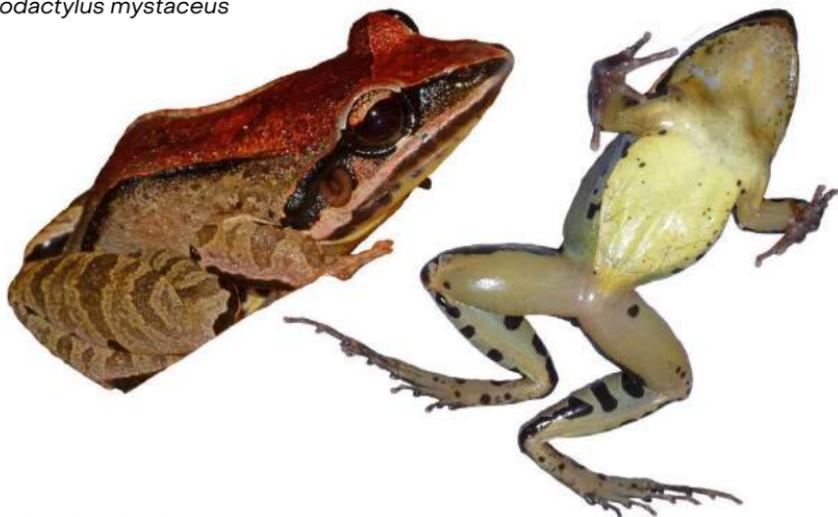


Leptodactylus pentadactylus



Família: **Leptodactylidae**

Leptodactylus mystaceus



Leptodactylus rhodomystax



Família: **Microhylidae**

Chiasmocleis ventrimaculata



Chiasmocleis bassleri



Chiasmocleis gr. superciliarba



Família: **Microhylidae**

Chiasmocleis gr. carvalhoi



Chiasmocleis jimi



Hamptophryne boliviana

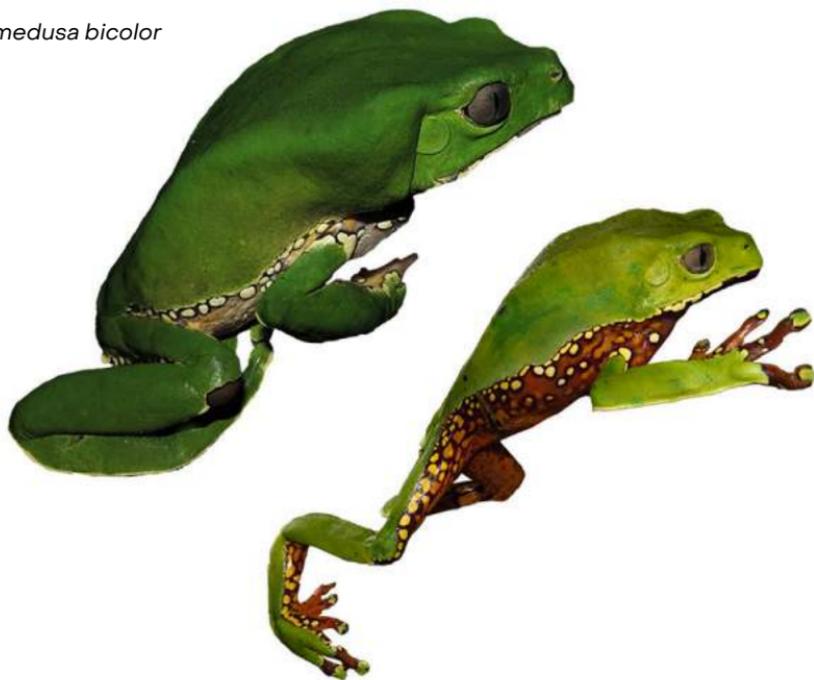


Família: **Phyllomedusidae**

Cruziohyla craspedopus



Phyllomedusa bicolor



Família: **Phyllomedusidae**

Pithecopus palliatus



Phyllomedusa vaillantii



Phyllomedusa chaparroi



Família: **Strabomantidae**

Pristimantis aff. *ashaninka*



Pristimantis aff. *carvalhoi*



Pristimantis *condor*



Família: **Strabomantidae**

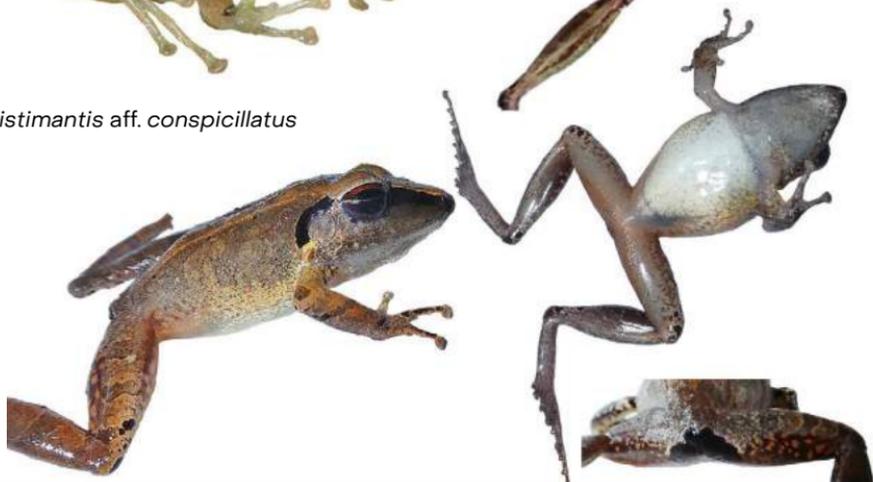
Pristimantis aff. *citriogaster*



Pristimantis aff. *danae*



Pristimantis aff. *conspicillatus*



Lista de espécies

N°	Família/Espécie	Autor da foto de dorso lateral	Autor da foto ventral
	Família Bufonidae		
1	<i>Amazophrynella moisesii</i>	A.P.Lima	A.P.Lima
2	<i>Amazophrynella</i> aff. <i>javierbustamantei</i>	J.Dayrell	A. S. Ferreira
3	<i>Rhaebo guttatus</i>	S. Dantas	A.P.Lima
4	<i>Rhinella marina</i>	A. P. Lima	-
5	<i>Rhinella</i> gr. <i>margaritifera</i>	B. Magnusson	S. Dantas
6	<i>Rhinella</i> gr. <i>proboscidea</i>	S. Dantas	S. Dantas
7	<i>Rhinella</i> gr. <i>acutirostris</i>	J.Dayrell	S. Dantas
	Família Centrolenidae		
8	<i>Teratohyla midas</i>	S. Dantas	A. P. Lima
	Família Ceratophryidae		
9	<i>Ceratophrys cornuta</i>	S. Dantas	-
	Família Craugastoridae		
10	<i>Oreobates quixensis</i>	A. P. Lima	A. P. Lima
	Superfamília Dendrobatoidae		
	Família Aromobatidae		
11	<i>Allobates</i> sp. papo-branco	A. P. Lima	A. P. Lima
12	<i>Allobates</i> sp. papo-amarelo	S. Dantas	S. Dantas
13	<i>Allobates</i> cf. <i>velocicantus</i>	A. P. Lima	S. Dantas
14	<i>Allobates subfolianidificans</i>	A. P. Lima	A. P. Lima
15	<i>Allobates gasconi</i>	A. P. Lima	A. P. Lima
16	<i>Allobates fuscillus</i>	A. P. Lima	A. P. Lima
17	<i>Allobates femoralis</i>	A. P. Lima	A. P. Lima
	Família Dendrobatidae		

Lista de espécies (continuação)

N°	Família/Espécie	Autor da foto de dorso lateral	Autor da foto ventral
18	<i>Ameerega hahneli</i>	A. P. Lima	A. P. Lima
19	<i>Ameerega macero</i>	A. P. Lima	A. P. Lima
20	<i>Ameerega trivittata</i>	A. P. Lima	A. P. Lima
21	<i>Ranitomeya toraro</i>	J. Dayrell	J. Dayrell
22	<i>Ranitomeya cyanovittata</i>	W. Magnusson	A. Monaco
23	<i>Ranitomeya aff. sirensis</i>	S. Dantas	J. Dayrell
	Família Eleutherodactylidae		
24	<i>Phyzelaphryne cf. miriamae</i>	S. Dantas	S. Dantas
	Família Hemiphractide		
25	<i>Hemiphractus scutatus</i>	S. Dantas	A. P. Lima
	Família Hylidae		
26	<i>Boana boans</i>	J. Dayrell	S. Dantas
27	<i>Boana calcarata</i>	A. Ferreira	A. P. Lima
28	<i>Boana cinerascens</i>	J. Dayrell	A. P. Lima
29	<i>Boana fasciata</i>	J. Dayrell	A. P. Lima
30	<i>Boana geographica</i>	S. Dantas	A. P. Lima
31	<i>Boana lanciformis</i>	J. Dayrell	S. Dantas
32	<i>Boana punctata</i>	J. Dayrell	A. P. Lima
33	<i>Boana raniceps</i>	S. Dantas	A. P. Lima
34	<i>Dendropsophus bokermanni</i>	S. Dantas	S. Dantas
35	<i>Dendropsophus cf. brevifrons</i>	J. Dayrell	S. Dantas
36	<i>Dendropsophus kamagarini</i>	S. Dantas	A. S. Ferreira
37	<i>Dendropsophus rhodopeplus</i>	S. Dantas	A. P. Lima
38	<i>Dendropsophus sarayacuensis</i>	J. Dayrell	A. P. Lima
39	<i>Dendropsophus xapuriensis</i>	J. Dayrell	S. Dantas

Lista de espécies (continuação)

N°	Família/Espécie	Autor da foto de dorso lateral	Autor da foto ventral
40	<i>Dendropsophus marmoratus</i>	sem foto	sem foto
41	<i>Osteocephalus</i> aff. <i>lepreurii</i>	S. Dantas	S. Dantas
42	<i>Osteocephalus castaneicola</i>	A. P. Lima	A. P. Lima
43	<i>Osteocephalus taurinus</i>	W. E. Magnusson	W. E. Magnusson
44	<i>Scarthyla goinorum</i>	A. S. Ferreira	A. S. Ferreira
45	<i>Scinax</i> aff. <i>onca</i>	S. Dantas	S. Dantas
46	<i>Scinax</i> aff. <i>ruber</i>	A. P. Lima	A. P. Lima (M) & A. S. Ferreira (F)
47	<i>Scinax garbei</i>	W. E. Magnusson	A. P. Lima
48	<i>Scinax</i> gr. <i>cruentomma</i>	J. Dayrell	S. Dantas
49	<i>Trachycephalus cunauaru</i>	S. Dantas	A. P. Lima
50	<i>Trachycephalus typhonius</i>	A. P. Lima	A. P. Lima
	Família Leptodactylidae		
51	<i>Adenomera andrea</i>	S. Dantas	S. Dantas
52	<i>Adenomera hylaedactyla</i>	A. P. Lima	A. P. Lima
53	<i>Adenomera</i> aff. <i>simonstuarti</i>	S. Dantas	S. Dantas
54	<i>Edalorhina perezi</i>	A. P. Lima	A. P. Lima
55	<i>Engystomops freibergeri</i>	S. Dantas	S. Dantas
56	<i>Lithodytes lineatus</i>	J. Dayrell	A. P. Lima
57	<i>Leptodactylus discodactylus</i>	A. P. Lima	A. P. Lima
58	<i>Leptodactylus diedrus</i>	S. Dantas	S. Dantas
59	<i>Leptodactylus leptodactyloides</i>	S. Dantas	S. Dantas
60	<i>Leptodactylus knudseni</i>	S. Dantas	A. P. Lima
61	<i>Leptodactylus knudseni</i> - linhagem 2 (sudoeste da Amazônia)	sem foto	sem foto

Lista de espécies (continuação)

N°	Família/Espécie	Autor da foto de dorso lateral	Autor da foto ventral
62	<i>Leptodactylus mystaceus</i>	A.P.Lima	A.P.Lima
63	<i>Leptodactylus pentadactylus</i>	S. Dantas	A.P.Lima
64	<i>Leptodactylus rhodomystax</i>	S. Dantas	A.P.Lima
65	<i>Leptodactylus petersii</i>	sem foto	sem foto
	Família Microhylidae		
66	<i>Chiasmocleis bassleri</i>	A. Ferreira	A. Ferreira
67	<i>Chiasmocleis carvalhoi</i>	J.Dayrell	J.Dayrell
68	<i>Chiasmocleis gr. superciliarba</i>	A.P.Lima	A. Mônaco
69	<i>Chiasmocleis jimi</i>	J.Dayrell	S. Dantas
70	<i>Chiasmocleis ventrimaculata</i>	A. Ferreira	S. Dantas
71	<i>Hamptophryne boliviana</i>	J.Dayrell	-
	Família Phyllomedusidae		
72	<i>Cruziohyla craspedopus</i>	J.Dayrell	A. Ferreira
73	<i>Phyllomedusa bicolor</i>	S. Dantas	J.Dayrell
74	<i>Pithecopus palliatus</i>	A.P.Lima	J.Dayrell
75	<i>Phyllomedusa vaillantii</i>	S. Dantas	A.P.Lima
76	<i>Phyllomedusa chaparroi</i>	A.P.Lima	A.P.Lima
	Família Strabomantidae		
77	<i>Pristimantis ashaninka</i>	A. Ferreira	A. Ferreira
78	<i>Pristimantis condor</i>	S.Dantas	S.Dantas
79	<i>Pristimantis aff. danae</i>	S.Dantas	S.Dantas
80	<i>Pristimantis aff. carvalhoi</i>	A.P.Lima	A.P.Lima
81	<i>Pristimantis aff. conspicillatus</i>	A.P.Lima	A.P.Lima
82	<i>Pristimantis aff. citriogaster</i>	S.Dantas	S.Dantas

Apoio Financeiro

Os dados utilizados para elaboração, editoração e impressão deste Guia foram financiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) através do Projeto **“A mega diversidade escondida de anuros nas regiões periféricas do Estado do Amazonas”** aprovado no edital N° 007/2021 - BIODIVERSA/FAPEAM, processo 01.02.016301.03252/2021-67, termo de outorga 356/2021, concedido a Dra. Albertina P. Lima.

Agradecimentos

A Andresa S. de Mello pela ajuda com a logística do projeto. A Alexander Mônico pela linda foto de desova de *Pristimantis* e o ventre de *Ranitomeya* aff. *cyanovittata*, e a William Magnusson pela foto de dorso de *Ranitomeya* aff. *cyanovittata*. A Jeni Magnusson pela elaboração dos símbolos e Emílio Higashikawa pela elaboração do mapa. Agrademos a Antônio Saulo C. Machado, Leandro Moraes, Omar Rojas-Padilha, Robson W. Ávila, Alexandre Mônico e Esteban D. Koch pelas filogenias que nos ajudaram a definir algumas espécies. Um especial agradecimento a todas as pessoas das comunidades ribeirinhas que nos acolheram e nos ajudaram na coleta de dados e abertura das picadas. Albertina P. Lima recebeu Bolsa de Produtividade de Pesquisa da FAPEAM durante a coleta e elaboração deste Guia; M. Ferrão recebeu bolsa do GEF Pró-Espécie e do Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação (PDPG) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES; processo 88887.927982/2023-00); Jussara S. Dayrell recebeu bolsa Modalidade/Nível: AT/III do Edital N° 007/2021 - BIODIVERSA/FAPEAM; Anthony S. Ferreira recebeu bolsas de Pós-Doutorado Junior – PDJ do CNPq (processos: 166341/2020-7 e 151729/2022-0). Silionamã P. Dantas recebeu bolsa de Mestrado concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas/ FAPEAM.



ISBN: 978-65-00-05070-0



9 786500 950700